Laura Bellini



Mais um Pedaço da Noite

Ela não quer ser apenas um intervalo entre os shows dele

Mais um Pedaço da Noite

Ela não quer ser apenas um intervalo entre os shows dele

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901670

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As Regras do Jogo 12
Capítulo 2 - Fora do Roteiro 25
Capítulo 3 - Quando os Alto-falantes se Calam 38
Capítulo 4 - Aquilo Que Não Se Ouve 51
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 67
Capítulo 6 - A Melodia Que Eu Não Queria Terminar 81
Capítulo 7 - Entre Uma Nota e Outra 95
Capítulo 8 - Um Lugar Para Onde Voltar 108
Capítulo 9 - O Risco Escrito nas Partituras 121
Capítulo 10 - Mais um Pedaço da Noite 133
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Desculpas 146
Capítulo 12 - O Mapa dos Planos de Outra Pessoa 159
Capítulo 13 - O Preço de Uma Noite 170
Capítulo 14 - A Verdade Entre as Palavras 183
Capítulo 15 - Decisões Que Não Podem Ser Desfeitas 196
Capítulo 16 - O Silêncio Depois do Último Acorde 210
Capítulo 17 - Aquilo Que Não Se Pode Levar em Turnê 222
Capítulo 18 - O Ritmo Que Precisamos Aprender 234
Capítulo 19 - O Último Concerto 246
Capítulo 20 - Nosso Próprio Ritmo 259

INTRO

A primeira vez que ouvi Cyril Nowak tocar contrabaixo, eu estava tentando salvar meu próprio futuro de um homem com uma furadeira.

Era quinta-feira, vinte minutos depois das dez da noite, e o Półton, um clube de jazz situado numa das ruas secundárias de Katowice, fecharia as portas dali a seis semanas. Não definitivamente. Pelo menos era o que garantia o proprietário. As instalações antigas precisavam ser substituídas, as paredes tinham de passar por um tratamento contra a umidade e o palco seria reformado. O problema era que a equipe da obra já se comportava como se o lugar pertencesse a ela.

— Se vocês perfurarem mais um dos meus cabos de sinal, vou fazer vocês pagarem pelo sistema inteiro — avisei, de cima de uma escada.

O homem de colete laranja ergueu os olhos para mim.

— É a senhora quem manda aqui?

— Quando o assunto é som? Sim.

— E quando o assunto é parede?

— A parede não vai fazer a menor diferença se não conseguirmos realizar um único show durante essas seis semanas.

Ele não pareceu convencido, mas deixou a furadeira de lado.

Eu tinha trinta e três anos, meu próprio negócio e cada vez menos paciência com pessoas que achavam que uma mulher atrás de uma mesa de som estava ali apenas para entregar microfones. Havia nove anos, trabalhava na

sonorização de shows, festivais e gravações. Conseguia identificar um monitor de retorno mal conectado ao ouvir uma única nota e reconhecer a aproximação de uma catástrofe pela maneira como um organizador dizia que estava tudo sob controle.

Naquela noite, a catástrofe vinha acompanhada de uma apresentação particularmente elegante.

Sobre uma mesa junto à parede estava o contrato que eu havia assinado para cuidar do som da última temporada de apresentações do Półton. Seis semanas de trabalho, uma remuneração suficiente para substituir meus equipamentos desgastados e uma condição importante: nenhum compromisso adicional depois do fechamento do clube.

Dali a dois meses, eu pretendia começar meu próprio projeto de gravação. Sessões musicais intimistas, registradas ao vivo, sem grandes agências nem artistas convencidos de que suas agendas eram mais importantes do que a vida de todas as pessoas ao redor. Eu já havia alugado um pequeno estúdio em Ligota. Assinado os primeiros contratos. Pela primeira vez em muito tempo, faria alguma coisa seguindo minhas próprias regras.

Foi então que ouvi o contrabaixo.

Primeiro vieram notas isoladas e profundas, que atravessaram as conversas dos técnicos e o ruído da ventilação. Depois, uma frase musical curta, interrompida exatamente onde eu esperava sua resolução. O músico recomeçou, dessa vez mais devagar. Não tentava impressionar pela velocidade. Deixava espaços entre as notas, como se quisesse descobrir se alguém teria coragem de preenchê-los.

Desci da escada.

No palco estava um homem alto, de camisa escura e mangas arregaçadas. Tinha os cabelos curtos, um pouco desalinhados, e aquele tipo de concentração que fazia parecer que o mundo inteiro terminava naquelas quatro cordas. O contrabaixo se apoiava em seu corpo com a naturalidade dos objetos utilizados durante muitos anos.

Ele não me percebeu imediatamente.

Ou apenas fingiu que não.

— Seu segundo canal está distorcendo — falei.

Ele parou de tocar.

— Boa noite para você também.

— Boa noite. Seu segundo canal está distorcendo.

Olhou na direção da mesa de som.

— Estou ouvindo.

— Então por que continua tocando?

— Porque queria saber se você ia perceber.

Eu não gostava de respostas assim. Principalmente quando vinham de homens que claramente sabiam como usar o silêncio a seu favor.

— Se isso é uma audição, poderia ter me avisado.

Ele esboçou um sorriso.

— Cyril Nowak.

Eu conhecia o nome. O proprietário do clube o havia mencionado várias vezes ao apresentar a programação da temporada de despedida. Trinta e oito anos, contrabaixista reconhecido, apresentações na Polônia e no exterior. Um homem cuja agenda, pelo que diziam, era organizada por outra pessoa.

— Tamara Kruk.

— Eu sei.

— Isso coloca você em vantagem.

— Uma vantagem pequena. Você já sabe que meu segundo canal está soando horrivelmente mal.

Sua voz era mais grave do que eu esperava. Tranquila, ligeiramente rouca, sem nenhum vestígio daquele jeito afetado de falar que alguns músicos levavam do palco para a vida. Ele me observava com atenção, mas não de uma maneira que exigisse uma resposta imediata. Aquilo era irritante. Especialmente porque eu estava com vontade de responder.

Fui até a mesa de som e corrigi os ajustes. Ele tocou novamente. Dessa vez, o som se espalhou pelo clube quase vazio de maneira suave e profunda, sem nenhuma aspereza desnecessária.

— Melhor? — perguntei.

— Muito.

Ele continuou tocando. Por alguns instantes, fiquei ouvindo, com a mão apoiada em um dos controles deslizantes. Não conhecia a melodia, mas havia nela alguma coisa inquietantemente familiar. Lembrava uma volta para casa tarde da noite, quando ainda não estamos preparados para girar a chave na fechadura.

Então Cyril ergueu os olhos.

— Fica mais um pouco.

Não soou como uma ordem. Pareceu mais um convite que ele havia feito antes de ter tempo de pensar.

— Estou trabalhando.

— Eu também.

— Então temos alguma coisa em comum.

— Espero que seja mais do que isso.

Não respondi.

Em vez disso, olhei para o relógio. Eu deveria ter ido embora dez minutos antes. Na manhã seguinte, teria uma reunião sobre meu estúdio, e havia uma mensagem no meu celular, enviada pela proprietária do imóvel, pedindo a confirmação definitiva da data das primeiras gravações.

Cyril deixou o arco de lado e conferiu as horas na tela do telefone. Antes que a apagasse, vi uma notificação de chamada de alguém salvo como Marek — turnê. Ele não deu atenção, mas a tela voltou a se iluminar pouco depois.

— Não vai atender? — perguntei.

— Hoje, não.

— Parece um luxo.

— Parece mais uma pendência que amanhã estará ainda maior.

Observei-o com mais atenção. Havia sinais de cansaço sob seus olhos que eu provavelmente não teria percebido se estivesse assistindo a uma apresentação. Sobre o estojo ao lado dele, repousava uma folha amassada com datas de shows. Várias cidades, horários de partida anotados em linhas apertadas. Lugares onde alguém estaria esperando por ele antes mesmo que tivesse conseguido descansar da apresentação anterior.

Eu conhecia aquele mundo bem o suficiente para saber como ele podia engolir facilmente tudo o que existia além da música.

— Pelo visto, você é um homem ocupado.

— Ocupado demais para que isso diga alguma coisa boa a meu respeito.

Dessa vez, ele não sorriu.

Roman, o proprietário do Półton, apareceu na porta com uma pasta debaixo do braço.

— Excelente, vocês dois estão aqui! — exclamou. — Tamara, amanhã vamos conversar sobre as mudanças na programação. Cyril tem uma ideia para a última noite.

Meu corpo ficou rígido.

— Que mudanças?

Roman olhou para o músico.

— Ainda não está tudo definido.

— Nesse caso, por favor, não prometa nada aos artistas antes de eu verificar as possibilidades técnicas.

— É justamente por isso que precisamos de vocês dois trabalhando juntos — respondeu Roman, retirando-se para os fundos.

Cyril me observou por alguns instantes.

— Você não gosta de surpresas.

— Gosto. Quando elas não me custam três dias extras de trabalho.

— E se valer a pena?

— Depende de quem paga o preço.

Ele apoiou a mão no braço do contrabaixo. Por um momento, tive a impressão de que estava prestes a dizer alguma coisa importante, mas apenas assentiu.

— Uma maneira justa de encarar as coisas.

Desliguei o último monitor de retorno. O clube mergulhou na penumbra, e ouvi, vindo de trás do balcão, o som de taças sendo guardadas. Cyril levantou o estojo do chão, abrindo espaço para mim na passagem estreita. Não tentou me impedir de sair nem transformar nossa conversa em mais uma brincadeira de flerte.

Mesmo assim, ao chegar à porta, olhei para trás.

Ele estava perto do palco, com o rosto parcialmente escondido pela luz quente de uma luminária. Parecia diferente de alguns instantes antes. Menos o músico cujo nome aparecia nos cartazes e mais um homem diante de uma escolha que ainda não conseguia explicar a ninguém.

— Tamara? — chamou.

— Sim?

— Essa música ainda não tem título.

— Acho que esse é um problema seu.

— Talvez. Mas gostaria que você voltasse amanhã para ouvi-la até o fim.

Deslizei os dedos pela maçaneta fria. Eu tinha um plano pronto, contratos assinados e uma vida que, com muita dificuldade, havia aprendido a organizar em torno das minhas próprias necessidades.

E, apesar de tudo, não queria ir embora.

— Vamos ver, Cyril.

Ele sorriu, como se aquela resposta fosse mais do que suficiente.

Lá fora, uma chuva fina de novembro caía sobre a cidade. Meu celular vibrou no bolso. A mensagem da proprietária do estúdio exigia que eu confirmasse a data até a manhã

seguinte. Eu deveria ter respondido imediatamente, mas permaneci parada sob a placa do clube, ouvindo o contrabaixo voltar a soar atrás da porta fechada.

A melodia foi interrompida exatamente no mesmo ponto.

Eu ainda não sabia o que Cyril pretendia fazer com ela.

Mas havia outra pergunta que me inquietava muito mais.

Se amanhã eu realmente ficasse para ouvir o final, seria capaz de ir embora antes que ele começasse a tocar a próxima música?

Capítulo 1 - As Regras do Jogo

Na sexta-feira, às nove da manhã, tive a impressão de que alguém estava tentando me vender uma ideia que era minha, mas numa embalagem que eu não havia pedido.

Sobre a mesa do escritório de Roman estavam três versões da programação dos shows de despedida do Półton. A primeira era a que havíamos aprovado duas semanas antes. A segunda continha algumas alterações sensatas. A terceira parecia ter sido elaborada por alguém que decidira transformar um clube de jazz intimista numa sala de concertos, sem sequer verificar se as paredes suportariam uma quantidade maior de músicos.

Ao lado da última versão, aparecia o nome de Cyril Nowak.

— Explique por que um grupo de oito músicos deveria tocar num palco onde mal cabe um quinteto — pedi, deslizando a folha na direção de Roman.

O proprietário do clube ajeitou os óculos.

— Seria o encerramento. Algo especial.

— Especial também vai ser ver o baterista tentando sair de trás do piano.

Roman suspirou. Eu o conhecia havia sete anos e sabia que, quando começava a organizar os documentos numa pilha perfeitamente alinhada, estava prestes a apresentar uma proposta que eu não gostaria de ouvir.

— Cyril diz que é possível.

— Cyril toca contrabaixo. Eu sou responsável por garantir que o público ouça alguma coisa além de microfonia.

— Posso comentar isso? — perguntou uma voz atrás de mim.

Virei-me.

Ele estava parado à porta, com um copo de café de papel e o estojo do instrumento pendurado no ombro. Usava um casaco escuro, sob o qual aparecia um suéter cinza. À luz do dia, parecia diferente da noite anterior. Menos misterioso, mais comum. Só o olhar continuava igual: tranquilo, atento, com um toque de algo que eu poderia chamar de diversão.

— Fique à vontade — respondi. — Acabamos de chegar à parte em que você explica como pretende acomodar oito pessoas em catorze metros quadrados.

Cyril pousou o copo.

— Não pretendo.

Olhei para ele.

— Como assim?

— Não quero oito pessoas no palco ao mesmo tempo. Quero três formações que se alternem. Vamos tocar a última música todos juntos, mas não necessariamente lado a lado.

Roman abriu os braços.

— Está vendo? Foi por isso que eu disse que vocês precisavam conversar.

— E foi por isso que pedi uma descrição técnica, não uma lista de nomes — retruquei.

Cyril sentou-se à minha frente.

— Você tem razão.

Eu não esperava uma concessão tão fácil. Já havia preparado argumentos, cálculos e algumas maneiras muito educadas de explicar que músicos famosos não estavam

isentos das leis da física. Mas ele aceitou minha observação sem tentar defender o próprio orgulho.

— Então vamos começar do princípio — falei. — De quantas pessoas você realmente precisa para o encerramento?

— Preciso ter a possibilidade de convidar músicos que fizeram parte da história deste lugar. Não quero transformar a noite num desfile de nomes. Quero que cada um toque alguma coisa que realmente o ligue ao Półton.

— Isso ainda não responde à minha pergunta.

— Sete convidados, além de mim, mas em formações diferentes.

Abri meu caderno.

— Instrumentos?

Durante os quinze minutos seguintes, conversamos sobre microfones, monitores de retorno, a posição do piano e as possibilidades daquele palco pequeno. Cyril conhecia as necessidades dos músicos convidados melhor do que eu imaginava. Não dava respostas vagas. Sabia qual saxofonista detestava ter um monitor aos pés e por que determinada pianista precisava de mais espaço à esquerda do instrumento.

Aquilo era atraente de uma maneira que eu não pretendia comentar.

Eu gostava de pessoas competentes no que faziam. Gostava ainda mais daquelas que não precisavam falar disso o tempo inteiro.

O problema surgiu quando chegamos ao cronograma.

— Ensaio geral na quinta-feira, encerramento no sábado — disse Cyril.

— Ensaio na sexta-feira — corrigi. — Quinta já tenho compromisso.

— Sexta é tarde demais. Os músicos vêm de cidades diferentes. Precisamos de tempo para fazer ajustes.

— Foi justamente por isso que programei dois ensaios mais curtos, na quarta e na sexta.

— Nem todos podem na quarta.

— E eu não posso na quinta.

Cyril deixou a caneta sobre a mesa.

— É um compromisso importante?

— Sim.

— Podemos saber qual é?

— Não vejo motivo.

O silêncio tomou conta da sala.

Roman olhou primeiro para mim, depois para Cyril, como se estivesse tentando decidir qual de nós precisava ser salvo.

— Tamara está envolvida em vários projetos — explicou.

— Eu sei — respondeu o músico. — Estou perguntando se existe a possibilidade de mudar a data, não exigindo um relatório da vida dela.

A distinção pareceu razoável. Mas isso não mudava o fato de que eu havia reservado a quinta-feira para a primeira sessão experimental no meu próprio estúdio. Uma cantora de Cracóvia, que eu tentava convencer havia meses a trabalhar comigo, viria para a gravação. Adiar o encontro significaria correr o risco de perder o trabalho.

— Não existe — respondi.

Cyril ficou girando a caneta entre os dedos por alguns instantes.

— Então vamos procurar outra solução.

— Sugeri isso dez minutos atrás.

— Eu sei. Agora estou tentando recuperar o tempo perdido.

Sorri sem querer.

Roman aproveitou a oportunidade.

— Vou deixar vocês com a programação. Preciso conversar com a equipe da reforma.

Saiu antes que eu pudesse protestar.

Ficamos sozinhos na pequena sala, que cheirava a café, papel antigo e madeira. Pela porta entreaberta chegavam os ruídos dos preparativos para o show daquela noite. Alguém arrastava cadeiras, enquanto outra pessoa testava a iluminação. Eu conhecia aquele caos sonoro tão bem quanto a minha própria cozinha.

— Ontem você disse que surpresas podem sair caras — comentou Cyril.

— Continuo pensando assim.

— Gostaria que o encerramento não fosse apenas mais um show que as pessoas gravam com o celular e esquecem no dia seguinte.

— Eu também.

— Então por que tenho a impressão de que você está lutando contra mim desde o começo?

Fechei o caderno.

— Porque você apareceu com uma ideia que exige horas extras de trabalho de várias pessoas, mas ninguém perguntou a elas se poderiam dedicar esse tempo.

Ele sustentou meu olhar.

— Você tem razão.

Dessa vez, respondeu tão depressa que deixei de interpretar suas palavras como uma simples concessão educada.

— De verdade?

— De verdade. Estou acostumado a ter alguém organizando a parte técnica dos shows. Isso não significa que eu deva presumir que essa pessoa sempre terá tempo disponível.

Olhei para suas mãos. Tinha dedos longos e pequenas calosidades nas pontas, características de músicos que tocavam instrumentos de cordas. Agora as mantinha tranquilamente apoiadas sobre a mesa, sem tamborilar nervosamente.

— Então o que você propõe? — perguntei.

— Hoje vou preparar um roteiro detalhado. Você verifica o que é possível. Depois decidimos do que vamos abrir mão.

— E vai fazer isso sem acrescentar ensaios inesperados à minha agenda?

— Vou tentar.

— Cyril.

— Está bem. Vou fazer.

Ele sorriu, e não gostei da facilidade com que aquele sorriso mudava a atmosfera entre nós.

O telefone ao lado de seu copo começou a vibrar. Na tela, vi o mesmo nome que havia aparecido na noite anterior. Marek.

Cyril virou o aparelho com a tela para baixo.

— Não precisa ignorar o telefone por minha causa — falei.

— Não estou ignorando por sua causa.

— Parece assunto de trabalho.

— É assunto de trabalho.

Não desenvolveu a resposta. Em vez disso, deslizou na minha direção a folha com a proposta de programação.

— Podemos voltar às nossas seis semanas?

O modo como disse nossas soou surpreendentemente natural.

Durante a hora seguinte, estabelecemos uma ordem provisória para as apresentações. Cyril abria mão de algumas ideias sem ficar ofendido, mas sabia ser teimoso em relação a outras. Estava especialmente determinado a incluir uma composição que deveria encerrar o último show. Ainda não queria revelar o título nem a formação definitiva.

— Se eu não souber quais instrumentos serão usados, não consigo preparar o plano — lembrei.

— Você vai saber. Só preciso de alguns dias.

— Não assino contratos com um mistério no lugar das especificações.

— E se eu prometer que não haverá surpresas técnicas?

— Ontem você me prometeu uma melodia completa. Ainda não sei como ela termina.

Ele me olhou com evidente surpresa.

— Você se lembra?

— Tenho boa memória para assuntos inacabados.

— Não achei que tivesse prestado tanta atenção.

— Faz parte do meu trabalho.

— Claro.

Ele disse aquilo sem ironia, mas, por um segundo, tive vontade de explicar que nem todos os detalhes do nosso encontro se deviam às minhas obrigações profissionais. Felizmente, o bom senso venceu.

Às onze e meia, eu precisava sair para uma reunião com um fornecedor de equipamentos para o estúdio. Reuni os documentos, conferi o cronograma e enviei a Roman uma mensagem com os pontos acordados. Cyril me ajudou a organizar as folhas que haviam se espalhado pela mesa.

— Você parece alguém que planeja o mês inteiro em intervalos de quinze minutos — observou.

— Não o mês inteiro. Deixo os domingos por conta do acaso.

— Que ousadia.

— Tento viver perigosamente.

Ele segurou a porta enquanto eu saía do escritório.

— Sabe que, às vezes, é preciso deixar espaço para o inesperado?

— Também sei que as pessoas que dizem isso geralmente esperam que outra pessoa organize as consequências.

Ele parou.

— Você está falando por experiência própria.

Não era uma pergunta.

Por um instante, vi diante de mim outro apartamento, outra cidade e um homem que, certa vez, era capaz de dizer: "Venha, você pode trabalhar de qualquer lugar". Como se meu trabalho fosse algo que coubesse dentro de um notebook e pudesse viajar atrás das ambições dele.

— Por experiência suficiente — respondi.

Cyril não tentou descobrir mais.

— Não quis parecer alguém que desvaloriza seus planos.

— Então ainda bem que esclareceu isso.

Lá embaixo, parei perto do bar. Atrás do balcão, Lena, a gerente do clube, servia água em alguns copos. Ela era uma das poucas pessoas que entendiam que meu silêncio durante o trabalho não significava mau humor.

— Tamara, tem um minuto? — perguntou.

— Se for realmente um minuto.

Lena me entregou um envelope com um contrato para a sonorização de um show adicional na semana seguinte. Conferi a data e balancei a cabeça imediatamente.

— Não posso. Tenho gravações nesse dia.

— Roman estava contando que você aceitasse.

— Roman conhece minha agenda.

Cyril, que havia parado alguns passos adiante, não interferiu. Quando Lena suspirou, devolvi o envelope.

— Posso indicar alguém competente. Mas eu mesma não vou aceitar.

— Claro. Vou perguntar a Roman se ele concorda com uma substituição.

Só quando saímos do clube Cyril voltou a falar.

— É difícil para você dizer não?

— Não. Difícil foi aprender.

— E agora?

— Agora tento não esquecer.

Durante alguns instantes, ficamos olhando a calçada molhada. Katowice, em novembro, tinha um tipo particular de cinza que só se suavizava à noite, quando as vitrines dos cafés e as janelas dos apartamentos se iluminavam.

Cyril pegou o telefone.

— Posso enviar o roteiro para você ainda hoje?

— Claro.

— Me passa seu número?

— Roman tem.

— Preferia recebê-lo de você.

Olhei para ele. Dessa vez, não estava sorrindo. Esperava, como se minha resposta pudesse realmente ser negativa.

Passei meu número.

Ele o salvou e me enviou uma mensagem curta. Na tela apareceu seu nome, acompanhado da frase: "Sem surpresas. Pelo menos as técnicas".

— Muito profissional — comentei.

— Estou tentando me adaptar aos padrões exigidos.

Eu deveria ter seguido em direção ao estacionamento naquele momento. Em vez disso, perguntei:

— Por que esse encerramento é tão importante para você?

Cyril olhou para a entrada do Półton.

— Porque, quando eu tinha vinte anos, Roman me deixou tocar aqui, embora eu ainda não soubesse ouvir os outros músicos. Na metade do show, me perdi completamente. Ele poderia nunca mais ter me convidado.

— Mas convidou.

— Disse que talento é menos importante do que a disposição para aprender. Na época, achei que ele fosse um velho resmungão.

— E hoje?

— Hoje sei que ele tinha razão.

Não havia sentimentalismo ensaiado em sua voz. Ele falava sobre algo que realmente o havia formado. De repente, o show de encerramento deixou de ser apenas mais uma data na minha agenda.

— Então vamos fazer isso direito — respondi.

Ele sorriu.

— É exatamente o que estou tentando propor desde cedo.

— Com a diferença de que eu ainda pretendo dormir durante as próximas seis semanas.

— Um plano sensato.

Comecei a caminhar em direção ao carro, mas, depois de alguns passos, ouvi sua voz.

— Tamara?

Virei-me.

— Ontem você disse que iríamos ver.

— Sobre o quê?

— Sobre ouvir a música até o final.

Eu sabia perfeitamente do que ele estava falando. Fingir que não me lembrava seria infantil.

— Primeiro envie o roteiro.

— E depois?

— Depois veremos se você sabe cumprir promessas.

Dentro do carro, fiquei algum tempo sem ligar o motor. Abri a agenda e conferi os compromissos relacionados ao estúdio. Tudo estava no lugar. Nenhum show adicional, nenhuma mudança de horário, nenhuma obrigação com um homem que eu havia conhecido apenas na noite anterior.

Mesmo assim, antes de sair, li novamente sua mensagem.

Não porque fosse especialmente engraçada.

Mas porque, pela primeira vez em muito tempo, alguém havia pedido meu número de telefone de uma maneira que não sugeria que, a partir daquele instante, teria direito ao meu tempo.

À noite, quando voltei para o apartamento, havia um e-mail de Cyril me esperando.

O anexo tinha oito páginas. Uma descrição detalhada dos instrumentos, da ordem das apresentações, das mudanças no palco e do tempo previsto para os ensaios. Tudo organizado com uma precisão que eu não esperava de um homem que tocava com tanta liberdade.

No final do documento, encontrei uma observação:

"A composição de encerramento continua em aberto. Não porque eu queira dificultar seu trabalho. Mas porque ainda não sei como ela deveria terminar".

Li duas vezes.

Depois abri o cronograma do meu estúdio, fechei-o novamente e olhei para a noite de sexta-feira que estava livre na semana seguinte.

Eu não pretendia mudar nada.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, tive vontade de que alguém me propusesse alguma coisa que eu não havia planejado.

Capítulo 2 - Fora do Roteiro

Na segunda-feira de manhã, encontrei na caixa de entrada uma mensagem que me lembrou perfeitamente por que eu não confiava em soluções fáceis.

Roman havia encaminhado o cronograma atualizado do Półton. Incluíra todas as alterações que eu havia combinado com Cyril, mas, na última coluna, apareciam três noites adicionais marcadas com meu sobrenome.

Não haviam sido discutidas comigo.

Não seriam remuneradas.

E, o que mais me irritou, coincidiam com a primeira etapa dos trabalhos no meu estúdio.

Liguei imediatamente.

— Roman, pode me explicar por que meu nome está na equipe técnica de ensaios sobre os quais não conversamos?

— Bom dia, Tamara.

— Bom dia. Por quê?

Ouvi o farfalhar de papéis.

— Pensei que, como vocês estão trabalhando juntos no encerramento, seria natural...

— Natural seria perguntar se estou disponível.

— Você tem razão. Desculpe. É que a situação está ficando complicada.

Apoiei-me na bancada da cozinha. Do lado de fora da janela, os carros avançavam lentamente pela rua molhada, enquanto a máquina de café produzia ruídos que sugeriam seu próprio descontentamento com o começo da semana.

— O que está acontecendo?

— A reforma vai começar mais cedo numa parte dos bastidores. Precisamos acelerar a desmontagem da instalação antiga. Se não terminarmos os shows dentro do prazo, vamos perder a equipe da obra.

— Isso não é motivo para acrescentar trabalho à minha agenda.

— Eu sei.

— Preciso da lista completa de alterações até o meio-dia. Sem suposições.

— Vou enviar.

Desliguei e permaneci imóvel por alguns instantes.

Alguns anos antes, eu provavelmente teria aceitado as horas extras, adiando meus próprios planos. Faria isso por senso de responsabilidade e depois passaria os dias cansada e irritada com todo mundo, menos comigo mesma.

Agora eu já estava farta daquela versão de responsabilidade.

A mensagem de Cyril chegou quando eu terminava o café da manhã.

"Roman me contou sobre a confusão. Eu não sabia dos ensaios adicionais. Gostaria de combinar com você um plano que não exija milagres".

Respondi:

"É um bom começo. Milagres não fazem parte dos serviços que ofereço".

A resposta apareceu quase imediatamente.

"Entendo. E café? Café faz parte?"

Sorri para o telefone, embora, poucos instantes antes, tivesse sentido vontade de jogá-lo pela janela.

"Depende. Estamos falando de uma reunião profissional?"

"Para começar, sim. Depois você decide".

Li a última frase duas vezes.

Não havia nela uma grande declaração nem uma ousadia especial. Justamente por isso, pareceu mais pessoal do que todos os convites insistentes que eu havia recebido em clubes ao longo dos últimos anos.

"Depois das cinco. Uma hora. Escolha um lugar perto do Półton".

"Vou enviar o endereço. E prometo não levar oito músicos".

Dessa vez, ri de verdade.

Às cinco e dez da tarde, entrei num pequeno café na rua Mariacka. Cyril estava sentado a uma mesa perto da janela, com um caderno aberto sobre os joelhos. Quando me viu, fechou-o e se levantou.

Não usava nada de especial. Calça escura, suéter claro, casaco pendurado no encosto da cadeira. Mesmo assim, percebi imediatamente que parecia mais à vontade do que no clube. Como se um lugar sem instrumentos e sem uma plateia à espera permitisse que ele fosse um pouco menos cauteloso.

— Estou dez minutos atrasada — falei.

— Percebi.

— Você teve a oportunidade de fugir.

— Pedi água para você. Achei que o café exigia uma consulta prévia.